

A FLOR, A ÁGUA E O VINHO NA ÓTICA NEOCLÁSSICA DE RICARDO REIS

Wagner Rafael Rodrigues¹

Luiz Rogério de Camargo²

RESUMO

As odes de Ricardo Reis são caracterizadas pelo aniquilamento protagonizado pelo tempo, ou seja, a morte. Nesse sentido, as odes ricardianas destacam elementos efêmeros, a água, as flores e o vinho, que tentam aliviar a dor do poeta. Assim, o problema da pesquisa visa compreender: de que maneira determinados símbolos de efemeridade são utilizados na poética de Ricardo Reis e que papéis desempenham em relação à visão de mundo do poeta? Tendo como objetivo apontar como Ricardo Reis utiliza e determina a efemeridade e qual o papel que esta desempenha na sua visão de mundo. Desse modo, constatou-se que a flor, enquanto símbolo da efemeridade, representa uma tentativa de embelezamento do instante, assim como a dona de casa que coloca flores numa jarra para enfeitar a casa, Reis colhe as flores, pois elas proporcionam, nem que seja por um instante, alegria de viver. A água se constitui pela dinâmica do rio e do lago enquanto passagem do tempo. Reis passa com o rio, pois, ao término de cada segundo a vida se esvazia e mais próximo está à morte. Na dinâmica do lago, é a água que a morte seca. Reis vê no lago a impossibilidade de lutar contra o tempo. Por fim, o vinho é para Reis uma tentativa frustrada de aliviar e esquecer sua dor, causada pela consciência da morte, sendo simplesmente uma bebida e nada mais. Reis angustia-se tanto com a ideia de finitude que nem o prazer proporcionado pelo vinho consegue lhe tirar isso da cabeça.

PALAVRAS-CHAVE: Ricardo Reis. Simbologia. Efêmero.

¹ Graduando do sexto período de filosofia pela FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC) 2013-2014 da FAE Centro Universitário. *E-mail:* wrr_filosconv@yahoo.com.

² Doutorando em Literatura pela UFPR. Atua como professor de Literatura na FAE. *E-mail:* lrcamargo.roger@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Português nascido em Lisboa (1888-1931), Fernando Pessoa se caracterizou pela poesia heteronímica, que visa à criação de personalidades poéticas. Na poesia pessoana, contam-se muitos heterônimos criados pelo poeta, aproximadamente cento e vinte dois. Tal cenário, conforme retrata a máxima do próprio poeta, revela que: Fingir é conhecer-se. Dentre os heterônimos, três se destacam: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. O foco da pesquisa é em Reis, que se caracteriza como um neoclássico, apesar de ser moderno. Monárquico, educado em um colégio de jesuítas, latinista, semi-helenista, amante do exato, viveu no Brasil em 1919, é baixo, forte e magro, como o descreve o próprio Pessoa na sua carta a Adolfo Casais Monteiro. Nesse sentido, importantes críticos da obra pessoana, como Eduardo Lourenço, Leyla Perrone-Moysés, Teresa Rita Lopes, entre outros apontam para as tensões e os paradoxos advindos dessa relação entre o clássico e o moderno nas odes de Ricardo Reis. Na sua busca pela serenidade, pois sua poesia revela profundas tensões, Reis se volta para o passado Clássico. Deste colhe alguns símbolos para atenuar a angústia que sente em relação ao seu maior medo: a passagem do tempo, ou seja, a morte.

Nessa perspectiva, o problema de pesquisa está fundamentado pela questão: de que maneira determinados símbolos de efemeridade são utilizados na poética de Ricardo Reis e que papéis desempenham em relação à visão de mundo do poeta? Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é apontar como Ricardo Reis utiliza e determina a efemeridade e qual o papel que esta desempenha na sua visão de mundo. Para alcançar tal objetivo, postularam-se alguns objetivos específicos: identificar alguns dos símbolos clássicos da efemeridade nas odes de Ricardo Reis; investigar a relação entre os símbolos da antiguidade clássica e a apropriação feita pelo poeta em suas odes; investigar de que maneira essa simbologia é determinante para a visão de mundo do poeta.

1 SÍMBOLOS DA EFEMERIDADE

É necessário dizer que Reis é um neoclássico para justificar os objetivos. Uma vez que as flores, a água e o vinho são símbolos clássicos, seria contraditório não considerar a poesia de Reis como neoclássica. Dito isso, o texto está dividido em três partes, sendo feitas primeiramente algumas considerações sobre o símbolo da flor. Em outro momento se refletirá sobre a água e, por último, será destacado os aspectos do vinho.

1.1 FLOR

As odes de Ricardo Reis são caracterizadas pelo aniquilamento protagonizado pelo tempo. As sucessivas mortes que a vida cobra dão a Reis uma angústia, pois “tudo o que agora é, em algum momento, deixará de ser”. (CAMARGO, 2013, p. 54). Angustiado Reis indaga: Como viver? Iluminado pela filosofia grega, Reis se atém especificamente à filosofia helênica, e se volta para o Epicurismo³, sobretudo para o conceito de *ataraxia*, que consiste na busca do prazer espiritual em vista de alcançar a felicidade. Assim, para Reis, felicidade é gozar o instante, com o mínimo de dor; é colher as flores para logo as soltar das mãos. Porém, a felicidade epicurista não é plena, mas se restringe ao contentamento. Decepcionado com tal proposta, e ainda angustiado, Reis vê uma alternativa no Estoicismo⁴ que pregava o duro esforço da autodisciplina para conquista da autonomia, desprendendo-se do supérfluo e vivendo apenas com o essencial. No entanto, o estoicismo também não é capaz de sanar a dor do poeta, por isso, ele busca Horácio⁵, o poeta que uniu a doutrina de Epicuro e a ética estoica conduzindo-o por uma nova estrada. Com razão Coelho aponta:

Ambos pregam a moderação nos desejos e nos prazeres, as delícias do viver campestre, a vantagem em iludir o sofrimento com o vinho e o espectáculo das flores. Sabem que não há felicidade completa, que perante o infortúnio devemos compor um sorriso tranqüilo e descuidado (COELHO, 1980, p. 39).

Porém, Horácio escreve muito da sua humana experiência, enquanto Reis experimenta um horacionismo intencional e estético. Camargo sintetiza a caminhada de Reis por estas três vertentes da filosofia helênica:

Dos estoicos, Reis vai buscar a disciplina, contenção e obediência necessária para suportar a própria existência. De Horácio, que é possível aproveitar, ainda que por mínimo que seja, o que de bom a vida tem a oferecer, como as flores, o vinho e a

³ Epicurismo é uma corrente filosófica derivada das teorias do filósofo grego Epicuro de Samos (séc. IV a.C.) que tinha como fundamento o prazer para alcançar a felicidade. A experiência do prazer, definido como ausência de dor em alguém que vive conscientemente, é sempre a experiência da bondade. O prazer só pode aumentar até o momento em que a dor é completamente afastada, pois a felicidade do homem reside no prazer. (Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. v. 2, p. 110-111).

⁴ Corrente filosófica predominante na Antiguidade Clássica durante mais de cinco séculos (300 a.C. – 200 d.C.). A tese estoica descreve que a virtude consiste na perfeição da natureza individual. A principal tarefa ética consiste essencialmente numa disciplina fortalecida por meio da sabedoria ou pelo recto conhecimento, conduzindo o homem a um recolhimento na contemplação do *logos*. (Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, v. 2, p. 292, 293 e 299).

⁵ Quinto Horácio Flaco nasceu em 8 de dezembro no ano 65 a.C. em Venúcia, na Itália meridional entre a Apúlia e a Lucânia. Horácio é, por excelência, o poeta da festa e se considera, ao mesmo tempo, um conviva satisfeito da festa que supõe que a vida deva ser. (TRINGALI, 1995, p. 17).

companhia das musas. Estas, presentes na figura de Lídia, Cloe e Neera, também herdadas de Horácio, cujas odes, modelo de composição formal e poética, imita. Já dos epicuristas, procura aprender a tranquilidade, a aceitação, além da pura contemplação do – espetáculo do mundo. (CAMARGO, 2013, p. 9)

Neste sentido, o símbolo da flor aparece como um desdobramento dessas tensões existentes em Reis, ou seja, está em consonância com a angústia do latinista que é a passagem do tempo que traz em seu bojo a morte.

A flor, enquanto símbolo do efêmero, significa: “1. Que dura um só dia. 2. De pouca duração; passageiro, transitório” (BUARQUE, 1986, p. 620). E tal significado é nítido em um trecho das odes de Reis:

[...] Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento [...]
(REIS, 1983, p. 80).

Em outras palavras, Reis convida sua musa confidente, Lídia, a colher as flores, mas, ao mesmo tempo, a deixá-las, pois depois de cortadas não há mais vida nelas. Todavia, o perfume que sai das flores suaviza o momento. É desse modo que Reis se comporta, angustiado pelo destino que lhe aguarda, vê na beleza das flores a oportunidade de esquecer, mesmo por um momento, aquilo que o atormenta. Porém, essa beleza não dura para sempre, elas murcham e morrem e Reis novamente se vê como um rei em xeque. Mas mesmo assim:

[...] Só o ter flores pela vista fora
Nas áleas largas dos jardins exatos
Basta para podermos
Achar a vida leve. [...]
(REIS, 1983, p. 83).

Outra característica da flor, em Reis, dá-se pelo fato do poeta pedir para ser coroado:

[...] Coroi-me de rosas
Coroi-me de rosas em verdade
De rosas
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroi-me de rosas
E de folhas breves
E basta. [...]
(REIS, 1983, p. 77).

O que significa o gesto de ser coroado de rosas? Quiçá, o discípulo de Caeiro necessite de alguns momentos de fruição em sua vida, mesmo tendo a certeza da morte que o ronda a cada minuto que passa. Garcez afirma:

Do mesmo modo como pôr flores numa jarra basta para estabelecer a placidez no perdê-las, o ser coroado de rosas basta para estabelecer a placidez ao apagar-se sua fronte, pois a coroa é promessa de vitória sobre a efemeridade. O eu, efêmero, coroado pela flor e pelas folhas breves, que incluem em si toda a efemeridade circundante, são resgatados por esse gesto estético e “inútil” para uma ordem desconcertada (GARCEZ, 1991, p. 46).

Em outras palavras, as flores permitem um momento de ludicidade no cotidiano da vida, mesmo sendo esta marcada pela incerteza do tempo.

1.2 A ÁGUA

Outro símbolo clássico de efemeridade é a água, que tem inúmeros significados, dependendo da cultura e tradição em que o símbolo da água está inserido (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 15). Todavia, o sentido mais comum no Ocidente deriva da concepção judaico-cristã que vislumbra a água como “fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 16).

No caso da poesia de Fernando Pessoa, a água também se caracteriza por diversos sentidos. De acordo com Padrão (1973, p. 72) ela pode ser “orvalho, chuva, neve”, ou no sentido hidrográfico a água é “oceano, mar, rio, catarata, lago, charco”. Ela banha “praia, cais, porto, doca, ilha, cabo, margem” (PADRÃO, 1973, p. 72). Há ainda inúmeras características, porém especificamente da poesia heteronímica, Padrão aponta uma singular:

É água que pode ser parada (37) ou dinâmica (38), desejada (39), aceite (40), triste (41), profunda (42). Só não é contente, nem viva, nem transparente. Mesmo a fonte, lição de energia e juventude, quando aparece é para secar no momento exacto em que o poeta pensa matar nela qualquer sede (PADRÃO, 1973, p. 74).

No entanto, o que de fato simboliza a água nas odes de Reis? Tal elemento está associado ao tema já discutido no item anterior: a morte. E tal morte associada ao símbolo da água tem suas raízes no filósofo pré-socrático da Grécia Antiga, Heráclito de Éfeso⁶, que afirma: “Em rio não se pode entrar duas vezes” (HERÁCLITO, 1973, p. 94). Pois, nem aquele que entra no rio é o mesmo e nem o rio será igual. Em outras palavras, nessa analogia com o rio, Heráclito conclui que todas as coisas, inclusive os homens, têm um movimento (devir) e, por tudo estar em movimento, nada é estático, logo, tudo perece, ou seja, morre.

Nesse sentido, as odes de Reis estão perpassadas pela ideia que associa vida e morte. O próprio Reis declara:

[...] Quer gozemos,
quer não gozemos,
passamos como o rio. [...]
(REIS, 1983, p. 80).

Mas em que consiste estar junto ao rio? Por que Reis invoca a água em suas odes e qual o papel que ela desempenha? Padrão sugere uma resposta:

Ricardo Reis passa com o rio. Este é o poeta da tristeza da passagem. À sua água está ligado o significado do correr do homem, do correr dos dias, as conjecturas do destino funesto, da morte, e por isso essa água é um elemento melancolizante. Melancólico é o sentido que se desprende das odes de Reis, atravessadas por rios a que não falta a barca de Caronte sempre ligada à indestrutível desgraça dos homens (PADRÃO, 1973, p. 79).

Ainda nessa perspectiva, Reis atenta para a finitude do homem:

[...] Não de outra forma mais apoquentada
Nos vale o esforço usarmos
A existência indecisa e afluyente
Fatal do rio escuro. [...]
(REIS, 1983, p. 92).

Note-se que no último verso da ode, “Fatal do rio escuro”, Reis demonstra metaforicamente a certeza que tem da morte, por isso parece ele satisfeito, ou melhor, que aceitou seu destino. Mas o poeta, apenas aparentemente, parece estar reconciliado consigo mesmo, pois “contemplar a água é morrer, por isso a poesia de Reis é triste”

⁶ Heráclito (540-470 a.C.) nasceu em Éfeso, cidade da Jônia, de família que ainda conservava prerrogativas reais. Heráclito é por muitos considerado o mais eminente pensador pré-socrático, por formular com vigor o problema da unidade permanente do ser diante da pluralidade e mutabilidade das coisas particulares e transitórias (HERÁCLITO, 1973, p. 76).

(PADRÃO, 1973, p. 80). E ainda complementa: “Contemplar a água é contemplar a si próprio no seu caminho para o fim” (PADRÃO, 1973, p. 81). E continua:

Contemplar a água é conhecer-se vivido pelo tempo e existir assim é deparar com o tédio e com o absurdo. Morrer pelo absurdo é descobrir a inutilidade da agitação cotidiana e a ausência de qualquer razão profunda de viver. É ir passando, tristemente, como o rio--<<Água do rio, correndo suja e fria,/ Eu passo como tu, sem mais valer>> (Camp. 541.2) (PADRÃO, 1973, p. 81).

Todavia, a água não se caracteriza apenas pelo movimento (rio), mas também pela inércia⁷. Reis se atrela tanto na dinâmica do rio quanto na do lago:

[...] E a beleza insaciável por meu sestro
Eu goze externa e dada repetida
Em meus passivos olhos
Lagos que a morte seca. [...]
(REIS, 1983, p. 119).

Pois; “se cada rio reflecte a morte, cada lago a contém” (PADRÃO, 1973, p.82). Contudo, o que significa morrer em movimento? E como é esperar a morte parado? Em ambos os casos, não é a morte a certeza da vida? Outra vez Padrão aponta pistas para tais questões:

Cessando o volver do tempo, não faz mais que obedecer a leis naturais e alheias a ele; mas, enterrando-se no lago morto que é seu coração (Canc. 52), matando nele a esperança de que o pensamento lhe traga razões que fundamentem solidamente qualquer anseio válido (Canc. 63), destrói uma parte de si próprio e a morte lhe pertence, está nele. Nem a vontade aparece a libertá-lo desse suicídio moral porque a sua alma <<é um lago de indecisões>> (Inéd. 611). Mata-se mesmo antes do início da partida de qualquer realização. (PADRÃO, 1973, p. 82).

Sendo assim, na poesia de Reis, a água é o símbolo que reafirma a certeza do destino de todos os homens, a morte, a qual pode ser encarada por dois vieses: pelo do rio Reis se prepara gradualmente para seu fim e neste trajeto até consegue sentir certa alegria e felicidade, ainda que ilusória e momentaneamente. No entanto, pelo viés do lago, Reis senta-se e espera a morte numa angústia atormentadora.

⁷ Tal proposta diverge de Heráclito e se adequa à visão de Parmênides de Eléia (530-460 a.C), que ao contrário da visão heraclitiana, postula que tudo está imóvel no Ser. (PARMÊNIDES, 1973, p.143-197).

1.3 O VINHO

O símbolo do vinho, em Reis, é herdado de Horácio, o poeta da festa, todavia, Reis adapta o festim horaciano a seu próprio modo. Aproveita apenas aquilo que lhe serve como remédio para a alma e nada mais. Mas em que consiste o festim horaciano? Quais são os elementos de que Reis se apropria? Em que sentido o vinho é um remédio para alma? A partir dessas questões será descrito o papel do vinho na sua poética neoclássica.

Quintus Horacius Flacus (65 a.C. – 8 a.C.), mais comumente conhecido por Horácio, é o poeta da festa, esta caracterizada pelo festim e pelo vinho. Tal festim é uma confraternização de amigos ao redor do vinho. Horácio busca aproveitar ao máximo o dia que passa. É o famoso *carpe diem*, almejando o máximo de felicidade. Horácio, em sua juventude, teve uma experiência ruim com a guerra, por isso sua lira poética visa festas e evita as guerras. Todavia, o festim horaciano não se trata do bacanal e banquete orgiaco da Roma decadente. Horácio não repete a experiência de seus predecessores, seu festim é organizado e moderado. Constitui-se pelo sacrifício, o jantar e o simpósio ou convívio. Dante Tringali (1995) aponta como se estrutura cada etapa do festim. Conforme o autor:

No sacrifício, se ofertavam às divindades reverenciadas libações de leite, mel, vinho; imolavam-se, nos altares, as vítimas, com muito incenso, muitas flores, coroas e ramos de variadas plantas. A seguir vinha o jantar propriamente dito, a cena. Os convivas se reclinavam em três leitos largos, com três lugares em cada um, junto de uma mesa, onde eram servidos por escravos. Finalmente, após o jantar, se seguia o simpósio ou convívio (*symposion*, *convivium*, *comissatio*) quando, de fato, os participantes se entregavam ao prazer de beber, descontraidamente, ao longo do tempo, consoante as convenções em moda (TRINGALI, 1995, p. 24).

O festim de Horácio é composto por algumas regras, que têm por objetivo “regulamentar o comportamento enquanto se bebe, *super mero*, e depois de beber, *post vina* (1, 18), se ocupa em avaliar os efeitos do vinho” (TRINGALI, 1995, p. 24). Tal regra se sustenta em uma ideologia, que é constituída por princípios filosóficos, religiosos, morais e patrióticos.

A vida é caracterizada como uma festa, todavia o banquete horaciano tem como pano de fundo a ideia da morte, sendo esta a única certeza na vida do homem. A vida é como o fluir de um rio, o futuro é incerto e a morte vem sem avisar. Neste sentido, Horácio questiona: como viver em face da morte? Primeiramente a morte não pode ser ignorada, mas enfrentada, tendo consciência que cada minuto que passa pode ser o último. Portanto, se faz necessário aproveitar cada instante da vida presente. É com tal pensamento que Horácio postula sua célebre frase; “*carpe diem*, goza o dia, colhe-o

como se fosse um fruto que talvez amanhã não se possa colher” (TRINGALI, 1995, p. 25). Este é o princípio filosófico de Horácio base de toda a sua poesia e de todas as regras do festim.

Em Horácio, há dois modos de culto do vinho: o respeitoso, em que se bebe de forma moderada, e o desrespeitoso, no qual há um comportamento bárbaro e hostil (TRINGALI, 1995, p. 26). Porém, Horácio adverte aquele que não bebe vinho, “pois se priva da única medicina da alma” (TRINGALI, 1995, p. 26). O vinho, em Horácio, tem um sentido eucarístico. Talvez, o cristianismo aproveitou da liturgia horaciana para postular sua própria liturgia. Em suma, o caráter religioso de Horácio perpassa todo o seu festim, que não é uma celebração qualquer, mas que se trata de criar uma ponte entre os deuses e os homens.

Para Horácio, o vinho se submete às normas morais. Além disso, em Roma, vigorava o conflito entre a moral antiga romana, mais austera e rígida, e outra com resquício grego, que era mais fácil de seguir. Horácio adere à moral romana, utilitária e prática, que se sustenta em dois princípios: a *natureza* e a *moderação*. Nesse sentido, conforme explica Tringali: “É necessário viver de acordo com a natureza, *vivere naturae si convenienter oportet* e mesmo que a expulses, com violência, ela sempre retorna” (TRINGALI, 1995, p. 28) E continua: “seguir a natureza implica nada praticar de que possa advir dano e arrependimento. Pelas consequências, a natureza ensina o que é lícito e o que não é lícito” (TRINGALI, 1995, p. 28). Em outras palavras, “não se bebe a ponto de perder a razão e de debilitar a saúde” (TRINGALI, 1995, p. 28). A sabedoria está na moderação, a virtude está “entre não beber e beber além da conta” (TRINGALI, 1995, p. 28).

Outro princípio do festim é o patriótico, que acentua a opção de Horácio pela vida simples do campo, pois com as perdas nas sucessivas guerras do seu tempo, os campos estavam abandonados e as finanças do império estavam zeradas. Além disso, muitos proprietários ricos construíram suntuosos edifícios tomando o espaço do campo, e muitos viviam na cidade. Horácio, com seu lirismo rural, influencia nas mudanças da Roma de seu tempo, aconselhando o cultivo da videira e revitalização do campo.

Explanado esses princípios, há uma série de regras que compõem o festim horaciano, que foram resumidas por Dante Tringali:

O festim se realiza em qualquer estação, apenas nas datas festivas. Além disso, só acontece em determinado horário da data festiva. Devia começar ao cair da tarde que precede o dia festivo, podendo durar por toda noite e terminando obrigatoriamente ao romper do sol, pois não há festim diurno. Nos dias de trabalho não há festim nem diurno nem noturno. Exige-se moderação. Bebe-se apenas para se descontraír. É proibido embriagar-se, perder a razão, alterar, envolver-se em vias de fato. Ninguém

deve ser coagido a beber além de sua vontade. Bebe-se na cidade e no campo, mas o campo é o lugar ideal. Todas as classes sociais podem participar do festim. De preferência, bebe-se entre amigos. A idade conveniente é a juventude, no sentido amplo romano. Quanto à mulher, além da libertina que goza de ampla liberdade, respeitada sempre a moderação. O festim compreende: o sacrifício, o jantar e o convívio, o festim propriamente dito. Bebe-se, ama-se, conversa-se, canta-se, dança-se ao som da lira. Os convivas bebem coroados e perfumados. A reunião ao redor do vinho tem caráter religioso. É uma das únicas formas de atingir uma certa bem-aventurança, enquanto a velhice e a morte tardam. A Ode 1,36 e a 4,11 são exemplares como descrição do festim. Horácio imagina um mundo, que começava surgir com Augusto, em que o homem gozasse de festas contínuas, numa nova Idade de Ouro (TRINGALI, 1995, p. 44).

Diferentemente de Horácio, a postura de Reis frente ao festim é aquela que visa não alegrar-se, mas esquecer do mal que lhe aflige, ou seja, a morte. Embora Reis não mencione diretamente o nome de Horácio, sua poesia é uma réplica estilizada do código do vinho horaciano. As diferenças são nítidas entre Reis e Horácio quanto aos princípios: filosófico, religioso, moral e patriótico.

Em Reis a morte é inevitável e toda sua poesia é uma tentativa de entender a morte e descobrir razões para viver. Porém, ainda que admita o *carpe diem* horaciano, para ele, a vida deve ser vivida sem ilusão, deve-se viver sem aflições, pois a vida sem gozo ou com gozo passa, assim como o vinho que acaba e as rosas que murcham. A distinção entre Horácio e Reis é nítida: “enquanto Horácio buscava um pouco de felicidade, uma felicidade possível, Ricardo Reis acha que a dita é um jugo e o ser feliz oprime (433)” (TRINGALI, 1995, p. 49).

A felicidade que Horácio cultiva propõe posses médias, todavia, Reis nada oferece e sua felicidade não se condiciona a nada. Para Reis, ser feliz é contentar-se com pouco, é ouvir os sons dos pássaros, sentir o perfume das flores e ver o reflexo do sol nas águas do rio. Em outras palavras, a felicidade não está na liturgia do festim horaciano, mas na realidade externa. Tringali descreve o modo religioso de Reis:

A religiosidade presente no código de Horácio desaparece em Ricardo Reis, de fato, quando este bebe, o vinho perde completamente o caráter alegórico, não guarda nenhum sentido eucarístico. Nem uma vez sequer menciona diretamente o nome do deus Baco, como sinônimo literário de vinho, faz apenas alusão ao sabor orgástico do vinho e ao passar das bacantes (320). O vinho é apenas vinho, nada mais, sem vínculo nenhum com o transcendente. Não aceita um culto saturniano do vinho. (TRINGALI, 1995, p. 52)

Reis é mais radical ainda em relação a Horácio. A moral para o heterônimo significa absolutamente: nada, pois não pratica nem o mal e nem o bem. A mediania horaciana é mutilação para Reis, como ele aponta num trecho de suas odes:

[...] Para ser grande sê inteiro, nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive. [...]
(REIS, 1983, p. 146).

A moral de Horácio é utilitária, enquanto para Reis a moral é inútil e a inutilidade é útil. Quanto ao princípio patriótico, Reis é um estrangeiro na cidade moderna sem se comprometer com ela. Reis não cultiva uma atividade política como Horácio e muito menos prestou atenção aos debates políticos de seu tempo. Para ele, a existência e a arte é que requeriam mais atenção e reflexão.

Destarte, o problema do código do vinho, em Reis, tem como pedra angular a ideia de *esquecimento*. Como nesta ode:

[...] Com mão mortal elevo à mortal boca
Em frágil taça o passageiro vinho,
Baços os olhos feitos
Para deixar de ver. [...]
(REIS, 1983, p. 125).

Reis bebe para esquecer, e não para festejar, pois a vida passa e a morte se aproxima. Contudo, o vinho não resolve o problema da morte, não cura a ferida, tampouco alivia a dor e a angústia de Reis. Desse modo, o vinho é uma tentativa de remédio para a alma. O lúcido festim de Reis se caracteriza como no trecho da ode dos *Jogadores de Xadrez*, no qual aponta:

[...] Um púcaro com vinho refrescava
Sobriamente a sua sede. [...]
(REIS, 1983, p. 104).

Em outras palavras, o vinho para Reis não é uma confraternização, na qual se alegra e fica se bêbado. O poeta apenas bebe o vinho, e seu efeito não altera sua postura, uma vez que mesmo bebendo, parece estar sóbrio, ou seja, a sua angústia é tanta que nem o prazer que o vinho lhe proporciona é capaz de lhe afastar a ideia da finitude.

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos na pesquisa foram alcançados após inúmeras reflexões e esforços, uma vez que a poesia não é caracterizada por métodos científicos. Há, porém, uma tentativa de dizer algo sobre o problema de pesquisa, no entanto a discussão não se encerra nessa pesquisa. É necessário desbravar novos caminhos em torno da obra de Ricardo Reis, todavia esta pesquisa procurou encontrar instrumentos e ferramentas que possam guiar possíveis estudos em volta da poética neoclássica do heterônimo pessoano discutido em tal pesquisa. Mesmo não sendo uma palavra final sobre o problema posto chegou-se a alguns resultados.

Nessa perspectiva, o símbolo da flor caracteriza-se como uma tentativa de embelezamento do instante. Assim, como uma dona de casa que coloca flores numa jarra para enfeitar a casa, Reis colhe as flores, pois elas proporcionam, nem que seja por um instante, alegria a vida de Reis, e desse modo ele sente vontade de viver. Porém, a flor lembra a finitude e toda esta sensação alegre desaparece, e novamente o poeta é tomado pela angústia da passagem do tempo. O símbolo da água se constitui pela dinâmica do rio enquanto passagem do tempo: Reis vai com o rio. Em outras palavras, passar com o rio é diferente de passar como o rio, ou seja, ter a consciência de que o tempo passa e não se preocupar, essa é a postura de Caeiro, é passar como o rio. Contudo, Reis mergulha no rio e ao invés de boiar e deixar-se levar pela correnteza, ele se desespera e luta contra o rio, como um afogado. Em outras palavras, Reis angustia-se com o passar do tempo, pois ao término de cada segundo a vida se esvazia e mais próxima está a morte.

Na dinâmica do lago, é a água que a morte seca, por isso o lago é estático, parado e por isso não tem movimento. Reis vê no lago a impossibilidade de lutar contra o tempo. Por fim, o vinho, para Reis, é uma tentativa frustrada de aliviar e esquecer sua dor, causada pela consciência da morte. Reis não bebe o vinho para se alegrar, e muito menos se constitui num ritual ou algo semelhante. O vinho é simplesmente uma bebida e nada mais.

Sendo assim, a obra de Pessoa-Reis é marcada por muitas controvérsias e, ao mesmo tempo, possui uma unidade e unanimidade entre os heterônimos, o que faz da poesia pessoana-ricardiana um grande mistério ainda a ser desvendado.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.

COELHO, J. do P. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. São Paulo: Verbo, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LIND, G. R. **Estudos sobre Fernando Pessoa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.

PADRÃO, M. da G. **A metáfora em Fernando Pessoa**. Porto: Inova, 1973.

PESSOA, F. **Alguma prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976.

_____. **Ficções do interlúdio**: odes de Ricardo Reis; Para além do outro oceano de Coelho Pacheco. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

_____. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.

_____. **Páginas íntimas e de autointerpretação**. Lisboa: Ática, 1966.

TRINGALI, D. **Horácio poeta da festa**: navegar não é preciso; 28 odes: latim/português. São Paulo: Musa, 1995.

